

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Brados de agonia e clamores sem nome: a morte nas narrativas de médicos na
Expedição do Mato Grosso (1864-1870)**

Marcelo Santos Rodrigues*

RESUMO: A Guerra contra o Paraguai começou em novembro de 1864 e terminou em março de 1870 envolvendo o Brasil, Argentina, Uruguai contra o Paraguai. As partes, em luta, enfrentaram a morte de diversas formas não somente vitimados pela bala inimiga. A morte apresentava-se através em suas variadas facetas: a diarreia, a varíola, o cólera-morbus, o frio e a fome gracejavam entre as tropas de soldados. A dor e a morte conviviam no mesmo campo de batalha. Baseado em pesquisa feita em relatos médicos e de soldados que presenciaram as cenas de carnificina nos acampamentos e hospitais, essa é uma narrativa sobre a presença da morte entre as tropas expedicionárias do Brasil.

Palavras-Chaves: Guerra do Paraguai – Expedição Mato Grosso - Morte

ABSTRACT:

The war against Paraguay started in November 1864 and finished in March 1870: during all this period, both parts faced death in many ways that were not only the enemy bullets. Death was present in several forms: diarrhoea, smallpox, cholera, cold and hunger joked among the allies and Paraguayan troops. Pain and death lived in the same battle field. Based on research in primary sources, reports of doctors and soldiers who witnessed the butchery in the camping sites and war hospitals, this is a narrative about the presence of death among Brazilian expeditionary troops. At the end of the war, several cemeteries kept the remembrance of the soldiers, and, in the memory of the doctors, pain and suffering.

War Paraguay – Expedition in Mato Grosso - Death

Na distante província do Mato Grosso, esquecida pelo governo monárquico e abandonada à própria sorte, deu-se a invasão paraguaia ao território do Brasil principiando a Guerra do Paraguai. Foi, sem dúvida, um teatro de catástrofes cuja defesa contou inicialmente com a resistência de moradores, de uma pequena força militar, suprida por uma precária assistência médica.¹

Para auxiliar aos súditos do imperador, no Mato Grosso, uma expedição foi organizada na Corte e em outras províncias.

Cronistas da guerra, no exercício de inventariar o terror vivido na Campanha, para que futuros historiadores pudessem anotar sobre o patriotismo do povo brasileiro, dedicaram-se em enumerar fatos ocorridos durante a marcha para as fronteiras do Brasil. Esses soldados narraram cenas sangrentas, o avanço das doenças e das feridas adquiridas nas batalhas.

O percurso escolhido para essa comunicação abandonará os caminhos tradicionais

*Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Tocantins e doutorando no Programa de História Econômica e Social da Universidade de São Paulo – USP.

¹ A província do Mato Grosso, em 1864, contava com uma população de 75 mil habitantes, um efetivo militar de 875 homens e, para a assistência médica, com o hospital militar de Cuiabá e as enfermarias instaladas em Poconé, Vila Miranda, Vila Maria, Cidade de Mato Grosso, Nioaque, Forte Coimbra, Corumbá.

da guerra no sul do Brasil, para seguir as forças expedicionárias ao Mato Grosso. Nas anotações daqueles que participaram da marcha é possível visualizar um caminho desumano onde as febres, epidemias, a fome a metralha inimiga, levaram a morte aos soldados da expedição. Essa é uma narrativa sobre as doenças e práticas médicas empregadas na campanha através do interior do Brasil.²

No dia 12 de novembro de 1864 à imprensa no Rio de Janeiro noticiou o aprisionamento do navio Marques de Olinda, pelas tropas de Solano Lopez, que seguia para Cuiabá. Causou comoção na Corte o triste fim do médico José Cândido Freitas e Albuquerque que combateu a epidemia do cólera, em 1855, na Bahia.

O 2º Cirurgião Dr. José Cândido Albuquerque com seus camaradas de farda, impuseram resistência à invasão do território do Mato Grosso, na cidade de Corumbá, servindo no vapor de guerra Itajaí e, no dia 06 de janeiro de 1865, foram abatidos pelo inimigo. Em Buenos Aires e no Brasil circulou a notícia de que o médico foi degolado e teve as orelhas cortadas, assim como os demais tripulantes do navio, exibindo seus despojos, como uma espécie de troféu macabro, no alto do mastro da embarcação.³

Para socorrer a província do Mato Grosso, o governo imperial ordenou a formação de uma coluna expedicionária, composta por soldados do exército e de Voluntários da Pátria. O 17º batalhão que partiu da cidade de Ouro Preto, com o 21 de Infantaria e o Corpo Policial, no dia 1º de maio de 1865, formando uma expedição de 1.300 homens, reuniu-se em Uberaba a 500 praças do Paraná e São Paulo e recebeu o reforço de dois batalhões de Goiás com 800 soldados.⁴

A assistência médico-cirúrgica que serviu à expedição era composta por treze médicos, entre 1º e 2º cirurgiões, e dois farmacêuticos, todos oficiais do Corpo de Saúde.⁵ Esses homens integraram as “armas do socorro e da recuperação”, com o conhecimento de uma medicina rudimentar, do século XIX, empregada para salvar vidas, em meio às intempéries próprias da guerra que conduzem à morte.

É importante anotar que, a historiografia da medicina na Guerra contra o Paraguai exaltou os feitos praticados por médicos e cirurgiões na Campanha, identificando-os sempre como Voluntários da Pátria. Todavia, verifica-se na documentação examinada que médicos designados já integravam o quadro de oficiais do Corpo de Saúde do exército e da marinha,

2 CASTRO SOUZA, Luiz de. A Medicina na Guerra do Paraguai, São Paulo, 1972.

3 CASTRO SOUZA, Luiz de. O cirurgião da Armada, Dr. Freitas e Albuquerque, herói e mártir da Guerra do Paraguai. Revista do IHGB, volume, 238, janeiro-março, 1963, Rio de Janeiro, Dep. De Imprensa Nacional, 1963.

4 Rio de Janeiro. Jornal do Comercio de 17 de fevereiro de 1870.

5 Repartição do Ajudante-General do Exército. Ordem do Dia n. 439 de 18 de março de 1865.

antes de iniciada a guerra, contrariando a idéia de voluntariado dessa classe de profissionais.

Também era insuficiente o número de médicos para prover o Corpo de Saúde na expedição que se destinou ao sul do Brasil. O Império diante das dificuldades de arregimentar médicos para os seus quadros, recorreu à contratação de cirurgiões civis oferecendo vantagens, depois extensivas aos estudantes das faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, mesmo que estes tivessem não tivessem os conhecimentos necessários para o exercício da profissão.

Até a sua chegada na província do Mato Grosso a coluna expedicionária percorreu 352 léguas. Era ela composta por soldados, chefes militares, civis, vaqueiros, comerciantes, médicos, cirurgiões e enfermeiros, e muita gente que seguiu juntos com seus familiares, contando na totalidade com mais de cinco mil expedicionários, dos quais três mil em armas. Do total de expedicionários só sobreviveram dois mil indivíduos ficando o restante sepultado nos pantanais e brejos da região. Essa epopéia foi marcada pelas privações e sofrimentos que custaram a vida de muitos soldados e a sua saga foi registrada em diários da Campanha.⁶

A guerra estava só começando. Em seu diário, transformado em narrativas de campanha, o engenheiro Afonso Taunay anotou os acontecimentos que pôde registrar durante a marcha até as fronteiras do Paraguai. Dizia Taunay: *A penúria de viveres era tal e a tão desesperado estado chegara, que a alimentação em geral era quase exclusiva de frutos do mato, sobretudo jatobás, cuja abundancia tomava visos de providencial.*⁷

Assim, a fome contribuiu para as debilitações físicas dos soldados que facilmente se entregavam às doenças, primeira observação inferida pelos médicos do Corpo de Saúde. Começou o aparecimento de um mal até então desconhecido, que atacava de diversos modos, e sempre de forma grave, senão mortal, ora lentamente, ora de chofre, com os sintomas mais aterradores e cruéis, trazendo paralisias generalizadas ao moribundo. Às vezes o doente acusava formigamento nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo-se de dia agravarem-se esses sinais, aos quais se juntavam, sem muita demora as febres, a agonia e a morte; em breves horas falecia quem, pouco antes, se mostrava forte e lúcido.⁸

Era o Beribéri, doença batizada pelos soldados de perneira e, ainda, desconhecida no Brasil. Taunay nos deu a notícia da morte do comandante da expedição Chichorro da Gama⁹, colega da comissão de engenheiros, anotando as suas últimas palavras: “Vocês não

6 Sobre a Expedição ao Mato Grosso ver: Taunay, Visconde de. Dias de Guerra e de Sertão. 2ª edição. Monteiro Lobato e CIA Editores. São Paulo, 1923.

7 TAUNAY, Visconde de Taunay. Dias de Guerra e de Sertão. 2ª edição. Monteiro Lobato e CIA editores. São Paulo, 1923. p. 104

8 Idem, Ibidem, p. 104.

9 Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, nasceu na Bahia em 08 de março de 1830. Assentou praça a 25 de

imaginam o que estou sofrendo. É a dor da agonia, nem *há outra que lhe seja comparável. A morte esta subindo! Vejam como os pés e pernas estão frios, imóveis.*”¹⁰ Terminava assim o comandante os seus dias. Longe da família, dos amigos, tendo somente seus companheiros de marcha para acalantar o sofrimento.

Concluía Taunay narrando a expressão do moribundo: “*e ficou todo ele esticado, rijo, imóvel, sobre o catre da morte, misero jirau de paus cobertos com macega, como uma estatua de mármore, daqueles que dormem nos túmulos da Idade Media*”.¹¹

Um cercado foi construído com o intuito de proteger o túmulo do engenheiro Chichorro e no seu centro de sua cova uma cruz de madeira foi fincada. Mas, ali, a memória do engenheiro esteve guardada também na lembrança de todos para um dia ser rememorada. Destino incerto para muitos homens comuns que fizeram à Campanha.

Precários eram, sem dúvidas, os recursos da medicina da época no combate as epidemias, pois mais que a bala inimiga, estas produziam baixas no exército brasileiro e também nos batalhões paraguaios. Embora decorridos 10 anos da terrível epidemia de cólera na Bahia, à medicina não havia ainda alcançado avanços significativos que pudessem curar a doença ou amenizar os sofrimentos dos soldados infectados e mesmo deter a marcha da epidemia nos acampamentos.

Sobre a perplexidade dos médicos, diante do cólera, informou Taunay: “*os médicos, alias, bastantes ignorantes, mostravam-se atônitos e não ousavam decidir, receitando às tontas e com incoerência e falta de lógica dignas de lástimas*”.¹²

O índice de mortalidade avançava assustadoramente com o aparecimento de outras epidemias. Em tempos de chuva, quando os soldados eram obrigados a marchar, semi-nus e com água nos joelhos, por todo o dia e a noite, apareceram às febres, diarréias, o tifo, a varíola, o sarampo, que assolavam os acampamentos.

Durante a difícil marcha, muitas vezes, os cirurgiões militares foram importantes protagonistas na guerra. Os soldados esperavam encontrar nos médicos a mão capaz de aliviar os seus sofrimentos, quando estes tinham apenas a relva do campo e uma pobre e encardida barraca de campanha, como leito para tratar de seus ferimentos ou encontrar a morte vigiada.

Todavia a comissão médica, depois de 2 anos de atuação, estava reduzida tão

fevereiro de 1856. Reconhecido como Cadete matriculou-se na Escola Militar. Foi Alferes sendo depois promovido a 2º Tenente de engenheiros em 14 de março de 1858. Tornou-se bacharel em matemática e ciências físicas. Teve ordem de se reunir à Comissão de Engenheiros para seguir ao Mato Grosso a 1º de abril de 1865. Morreu em 26 de julho de 1866.

10 TAUNAY, Visconde de Taunay. Dias de Guerra e de Sertão. 2ª edição. Monteiro Lobato e CIA editores. São Paulo, 1923. p. 104

11 Idem, Ibidem. p. 116

12 TAUNAY, Visconde de. Memórias do Visconde de Taunay. São Paulo, Editora Melhoramentos, s.d. p. 208.

somente aos cirurgiões Cândido Manoel de Oliveira Quintana e Manoel de Aragão Gesteira. Para acalmar os sofrimentos da alma, restava o padre, capelão alferes, Antônio Augusto do Carmo que, junto aos médicos era insuficiente para aplacarem o mal, a dor e o sofrimento da carne e da alma.¹³

Faltava: pão, farinha, sal, água, carne. Morria-se de fome. E como derradeira etapa de sofrimento e miséria humana, ainda corriam os boatos entre os expedicionários sobre o aparecimento de mais uma epidemia, confirmava-se, assim, o aparecimento da primeira vítima do cólera. *“O corpo era de repente atacado de um mortal abatimento; dores fortíssimas pelo ventre se propagavam em cólicas cruciantes. Estonteados, com os olhos enublados e fundos, a voz tremula, o andar vacilante, trôpego, parecendo ébrios. Logo depois sobrevinham as náuseas, os vômitos, os calafrios, sede intensa, diarréias em horrendas contorções”*.¹⁴ Era a epidemia que se assentava nas linhas dos batalhões com toda a sua mórbida face de sofrimento.

Sobre a epidemia ocorrida na expedição ao Mato Grosso, o 1º Cirurgião, Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana anotou: *“às 11 horas entraram, mais dois enfermos para a Enfermaria, os quais atraíram à atenção pelos grandes gritos que deviam em consequência de câimbras e pela semelhança dos sintomas que eram: grande sede, supressão de urina, vômitos, evacuações alvinas em abundantíssimas, resfriamentos das extremidades”*.¹⁵

Em suas observações o médico apontou a falta de alimentos, roupas e barracas, que protegessem o soldado do frio, como as causas do aumento de vítimas. Continuava: *“os medicamentos no fim de poucos dias estavam todos acabados”*.¹⁶

A marcha durante dias, no episódio conhecido como a Retirada da Laguna, a péssima condução dos enfermos levados em padiolas ou em carros de bois espremidos uns sobre os outros, contribuíram para o aumento do número de mortos o que fez recomendar, a comissão médica, que fossem queimados os carros usados no transportes dos coléricos.

Em pouco tempo a coluna expedicionária transformou-se em uma procissão, onde os corpos desfilavam em padiolas de couro conduzidas pelos homens sadios, sem que estes fugissem ao cruel castigo. *“Imensa procissão, tétrico cortejo a desfilar, sempre para a lúgubre catedral da morte próxima.”*¹⁷ A princípio era um, dois, três casos; depois a dezena, e crescia o número de mortos e doentes com o passar dos dias.

13 VIANNA, Lobo. A Epopéia da Laguna. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1920.

14 Idem, Ibidem, p. 93.

15 Idem, Ibidem, p. 34.

16 Idem, Ibidem, p. 34.

17 Idem, Ibidem, p. 95.

Mas se a cena alimentava a esperança na sobrevivência, a decisão do comandante Camisão, diante do quadro desesperador, de abandonar os coléricos, pareceu lançar todos ao inferno. Uma única voz se ergueu ante a decisão. O Dr. Gesteira manifestou opinião contrária a essa resolução todavia acatando a decisão sem aprovar ou reprovar a atitude de seu comandante.

O chefe do exército ordenou, no dia 27 de maio de 1866, que fosse aberta à noite uma grande clareira no bosque mais próximo, para que cada batalhão pudesse mandar seus enfermos. Ali foram abandonados mais de uma centena de homens, irmãos de armas, e no tronco de uma árvore pregado um cartaz que dizia: *“compaixão para os coléricos”*.¹⁸

Na proporção em que se afastavam dos coléricos, aliviados do peso dos doentes, os que continuavam a marcha escutavam: *“gritos lancinantes, lamentos, gemidos, uivos, brados de agonia, de compaixão, clamores sem nome, sem conta, sem fim, se ouvirem, arrepiando as carnes, sacudindo os nervos e sangrando os corações.”*¹⁹

Na expedição ao Mato Grosso, a atuação do Corpo de Saúde foi marcada pela impotência diante das doenças que, somente foram diagnosticadas suas causas e os tratamentos empregados na sua cura, no final do século XIX e princípio do XX. As condições de trabalho eram péssimas, enfrentando obstáculos que iam desde a falta de medicamentos, ambulâncias, macas e hospitais que pudessem amenizar os sofrimentos dos feridos e doentes.

Todavia, exercendo o seu ofício nos combates, nos hospitais improvisados, nas marchas, nas tentativas de deter as epidemias, sofrendo dos mesmos males que atingiam simples soldados ou a alta oficialidade, encontravam-se médicos abnegados que, no Corpo de Saúde, medicaram o corpo e, muitas vezes, a alma dos soldados brasileiros em Campanha.

Esses homens caminharam uma eternidade. E durante essa eternidade, quantos horrores. A fome no Cochim, no rio Negro e na Retirada da Laguna, em que se comia frutos disputados com as araras, a cólera nos campos de Miranda, que devorou mais de setecentos homens, os combates e tiroteios incessantes, o incêndio dos campos, a sede, a nudez, tudo enfim.

18 Sobre o abandono dos soldados infectados pelo cólera existem controvérsias sobre o número de doentes assim como da atitude tomada pelo comandante Camisão. De fato, um dos soldados deixados na clareira sobreviveu e reuniu-se, no dia 29, aos demais soldados em marcha para o Mato Grosso. Este se chamava Calixto Medeiros de Andrade e, em 1920, ainda vivia com sua numerosa família na cidade de Estrela do Sul, no Triângulo Mineiro. Sobre o abandono dos coléricos concedeu uma entrevista para a revista do Brasil, n. 55, julho de 1920 – São Paulo.

19 VIANNA, Lobo. A Epopéia da Laguna. Imprensa Militar. Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 1920. p. 97.

Referências bibliográficas:

- BARRETO, Mario. A Campanha Lopesguaia. Rio de Janeiro: Papelaria Brasil, v. 3, 1929.
- CARNEIRO, Davi. O Paraná na Guerra do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.
- CASTRO SOUZA, Luiz de. A Medicina na Guerra do Paraguai. São Paulo, 1972.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. História da Guerra da Tríplice Aliança e o Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1956.
- LAGO, Benvenuto Pereira do. A cólera-morbus asiática é ou não contagiosa? Tese. Bahia: Tip. De Camilo de Lellis Masson & CIA, 1857.
- LEMOES BRITO, José Gabriel. Guerra do Paraguai: narrativas históricas dos prisioneiros do vapor “Marques de Olinda”. Bahia: Lit. Tipe Encadernação Reis e CIA, 1907.
- MAIA, Jorge. A invasão do Mato Grosso. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 35, 1964.
- SHNNEIDER, Lovis. A Guerra da Tríplice Aliança contra o governo da república do Paraguai. Trad. Manoel Alves Nogueira. Rio de Janeiro: Typografia Americana, 1875.
- TAUNAY, Visconde de. Memórias do Visconde de Taunay. São Paulo: Editora Melhoramentos, s.d.
- TAUNAY, Visconde de Taunay. Dias de Guerra e de Sertão. 2ª edição. São Paulo: Monteiro Lobato e CIA editores, 1923.
- VIANNA, Lobo. A Epopéia da Laguna. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1920.